

O visitante

Dois anos depois, uma figura chegou cambaleando à aldeia. Os fazendeiros enxergaram-no antes de todos, e abandonaram suas ferramentas, trancaram-se em suas casas. Em seguida, dois guardas avistaram o recém-chegado e correram para dar um alarme silencioso. Assim que o boato se espalhou, a praça central da vila se esvaziou. A oficina do sapateiro fechou as portas, todos saíram da taverna. Um acólito recebeu a notícia dos dois guardas e avisou ao prior.

O homem enorme e barbudo cerrou os punhos, rilhou os dentes. Dispensou o rapaz que lhe trouxera a informação com a ordem de que ele contasse aos demais sacerdotes. Então o prior foi até o pátio, onde Ruff Ghanor treinava com a Irmã Sibrian, Korin e seus outros colegas.

— O que... — Sibrian começou a perguntar.

— Algo grave! — trovejou o prior. — Ruff! Venha aqui.

O jovem acólito obedeceu. Foi até o prior, gotejando suor. Korin, mesmo sem ser convidado, seguiu-o.

— Algo muito sério está acontecendo, garoto-cabra. Muito sério para todos nós, e ainda mais sério para você.

Ruff engoliu em seco.

— Você terá o impulso de fazer algo. Seu sangue irá ferver. Mas não fará nada, entendeu? — o prior rosnou aquelas palavras. — Ficaré quieto, como o acólito obediente que é!

— O que está acontecendo? — Ruff começava a estremecer de nervoso.

— Temos um visitante, garoto-cabra.

Um visitante que trazia consigo nuvens negras. Um visitante acompanhado de ameaça.

Um hobgoblin.

Os soldados de Zamir surgiam na aldeia uma ou duas vezes por ano. Roubavam e escravizavam. Mas um deles nunca vinha sozinho. Eram sempre tropas, que chegavam e saíam no mesmo dia. Batalhões com deveres específicos. Nunca um visitante isolado.

— Mas ele é um só! — protestou Ruff. — Antes eram muitos, não podíamos reagir. Agora é nossa chance de vingança.

O prior deu um tapa monumental no rosto do garoto, com as costas da mão. Ruff caiu para trás.

— Cale a boca, pirralho idiota! Nem mesmo pense nesse tipo de coisa, e nunca fale isso na frente de outros acólitos!

Korin tinha os olhos muito arregalados. A fúria daquele homenzarrão parecia capaz de destruir o mosteiro.

Ruff ergueu-se, limpando uma gota de sangue do lábio.

— Não sabemos o que significa um só hobgoblin aqui, garoto-cabra. Pode ser um espião. Pode estar vistoriando a aldeia para se reportar a Zamir. Pode ser um batedor de um bando maior, por alguma razão. E, sim, pode ser apenas um renegado solitário. Não sabemos. E, porque não sabemos, não iremos arriscar.

— Você só fala em Zamir! — disse Ruff. — Desde que cheguei aqui, ouvi que irei enfrentar Zamir. Mas, quando surge a chance, você ordena que eu fique parado. Por quê? Tem medo?

— É claro que sim.

A resposta foi quase tão impactante quanto o golpe.

Ruff Ghanor tinha cerca de 15 anos, e toda a vontade do mundo de agir. Agir de alguma forma, de qualquer forma. O futuro parecia muito urgente e, ao mesmo tempo, parecia não chegar nunca. Ele se sentia adulto nas aspirações, sentia-se pronto a encarar a vida. Mas homens e mulheres mais velhos ainda detinham poder sobre ele, diziam o que ele deveria fazer a cada hora de cada dia. Ruff não se ressentia do treinamento ou dos estudos. Mas a imobilidade era algo amargo demais para ser engolido sem reclamar.

— Você não sabe do que Zamir é capaz, garoto-cabra. O que os hobgoblins fazem quando estão aqui não é nada. Você não tem medo suficiente, você não conhece o tamanho da ameaça. Então você vai respeitar o visitante. Não fará nada contra ele. E, se por alguma infelicidade, você cruzar o caminho desse hobgoblin, ficará de cabeça baixa e tolerará tudo que ele fizer. Caso contrário, em nome de São Arnaldo, farei de você um exemplo para todos os outros acólitos desobedientes.

Ruff fez que sim. Mas, por dentro, sua curiosidade era maior do que nunca.

O treino com a Irmã Sibrian acabou, e naquele dia o prior não os treinou mais. Estava ocupado em volta do visitante.

O hobgoblin demorou a chegar até a praça central da aldeia. Seus passos eram vagarosos, exigiam um esforço enorme. Ele deixava um rastro em zigue-zague nas ruelas de terra batida. Segurava o estômago com o braço esquerdo. Enfim avistou o centro da vila. Olhou para o mosteiro, para o rosto de São Arnaldo esculpido na torre, e cuspiu no chão. Farejou o ar e seguiu até a taverna.

O salão comunal estava vazio. Todos haviam se fechado em casa, e agora espiavam por frestas em suas janelas. O taverneiro Donatt permanecera com as portas abertas apenas por medo de insultar o visitante. Quando o hobgoblin entrou, Donatt estava atrás do balcão, tremendo e fingindo que limpava canecos com um pano meio sujo. O soldado bestial desabou numa cadeira. Grunhiu e fez um gesto para o taverneiro.

— Sim, senhor? — gaguejou Donatt.

— Hidromel! — latiu o hobgoblin.

O taverneiro levou um chifre e uma grande ânfora cheia da bebida até o freguês monstruoso. O hobgoblin rosnou algo, derrubou o chifre com um safanão e arrancou a tampa de cera da ânfora com os dentes. Então derramou a bebida em sua boca, bebendo em goladas fartas e deixando o resto escorrer pelos cantos dos lábios.

— Mais!

O taverneiro obedeceu.

Enquanto isso, o hobgoblin continuava segurando o estômago com o braço esquerdo.

A Irmã Sibrian entrou na taverna, acompanhada de dois guardas. Os três não portavam armas — não queriam provocar o visitante. Mesmo com as mãos vazias, Sibrian era a melhor combatente da aldeia e do mosteiro, com exceção do prior, e os dois guardas também eram

bastante habilidosos. Sentaram-se numa mesa longe do hobgoblin, pediram vinho. Ficaram observando-o discretamente, enquanto ele secava ânfora após ânfora de hidromel.

— O que há para comer neste pardieiro? — exigiu o visitante.

— Hoje temos leitão assado, senhor.

— Pois traga o leitão inteiro!

Frente a frente com o assado, o hobgoblin meteu a boca na carne, sem se preocupar em usar as mãos, muito menos qualquer tipo de talher. Devorava a comida como um cão, molhando a carne com sua saliva pegajosa. Contudo, cada mordida provocava-lhe uma careta. Ele engolia com dificuldade.

— Mais hidromel! Não tem nada mais forte, humano?

Donatt trouxe duas ânforas de hidromel e encheu um caneco com um destilado de milho, algo que esquentava por dentro e mesmo os mais sedentos aldeões consumiam em pequenas doses. O hobgoblin esvaziou o caneco e exigiu mais. Alguns minutos depois, pareceu mais aliviado: comia sem tantas caretas.

Quando estava saciado, ergueu-se da cadeira.

— Aqui está seu pagamento, humano! — jogou algumas moedas de cobre na direção do taverneiro. — Agradeça por eu beber e comer em sua espelunca.

Cambaleando ainda mais, o hobgoblin saiu da taverna, e todos tiveram medo do que ele faria a seguir.

Sibrian ergueu-se também e foi até onde o visitante estivera sentado. Observou a cadeira e mordeu os lábios, com expressão fúnebre. Correu de volta ao mosteiro.

— A cadeira estava encharcada de sangue — disse a clériga, em tom preocupado.

— Por São Arnaldo — o prior murmurou. — Seja quem for, ele está ferido. Não quero imaginar o que pode acontecer se este hobgoblin morrer em nossa aldeia.”

Texto de: Leonel Caldela. “A Lenda de Ruff Ghanor: O Garoto-Cabra.”.